



# “Formação em extensão pode contribuir para reflexão teórica sobre a área”

Entrevista com

Geraldo Ceni Coelho

Com um histórico extenso em publicações e projetos de extensão, além de experiência como editor de publicações na área, o professor Geraldo Ceni Coelho analisa nesta entrevista aspectos do impacto dos periódicos de extensão na sociedade e na formação do estudante, em especial na chamada “curricularização”.

Doutor em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com formação em Ciências Biológicas e Botânica, Coelho tornou-se editor da Revista Brasileira de Extensão em 2013, quando era pró-reitor de Extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul. A ideia era retomar a revista, parada desde 2006, decisão tomada no grupo de trabalho do Forproex. O periódico passou a ser abrigado na plataforma OJS da UFFS, seguindo a numeração existente e a contar com a colaboração de outras instituições. Atualmente, está em sua décima edição.

Além de refletir sobre o papel dos periódicos de extensão, Coelho coloca a curricularização como uma oportunidade de reflexão em extensão e cita a necessidade de reinvenção do financiamento da extensão como um dos grandes desafios para os próximos anos. O professor enfatiza a necessidade de reflexão teórica em extensão, que, em sua visão, diz respeito ao fato de que os alunos aprendem extensão fazendo extensão, enquanto os periódicos refletem os relatos de experiências que mostram esse contexto. A formação da extensão associada à criação de um ambiente de aprendizagem onde a extensão seja uma ferramenta poderia contribuir para a criação de metodologias específicas em extensão.

Para o professor, a extensão é também uma porta para a sociedade aprender o que é a universidade. “Vale muito a pena se envolver com a extensão, mas isso também requer muito estudo, muita reflexão teórica. Não apenas aprender fazendo, que é muito importante também, mas não o suficiente, considerando uma formação de nível superior. É importante investir na reflexão teórica e nas leituras para aperfeiçoar o seu trabalho extensionista”.

**Caminho Aberto** *Entre os periódicos de extensão, para além da Revista Brasileira de Extensão e a Revista Caminho Aberto, há outros existentes no Brasil, publicados por diversas instituições. Qual é, na sua avaliação, a importância desses periódicos de extensão para a sociedade?*

**Geraldo Ceni Coelho** O panorama das revistas de extensão é bastante relevante, considerando que há um número superior a 40 revistas em atividade, além dos novos periódicos que têm surgido no Brasil. Porque o Brasil é o único país com um número expressivo de revistas de extensão, e, talvez, isso esteja vinculado ao conceito de extensão brasileiro e, talvez pela forma como se pratica extensão, ou seja, no Brasil, há uma valorização da extensão universitária que se desenvolveu como um eixo importante que, mesmo incipiente, ainda hoje tem maior relevância.

Não se tem como mensurar o impacto das revistas de extensão na sociedade, visto que são de leitura restrita ao mundo acadêmico. Por outro lado também não há uma avaliação científica desse impacto e dessa leitura. Quem está lendo as revistas de extensão? Isso caberia como tema para os programas de pós-graduação. Aliás, a pós-graduação poderia assumir temas de extensão, porque parece que ainda não há um interesse relevante para o tema.

**Caminho Aberto** *Em relação à formação dos estudantes, o senhor acredita que os periódicos de extensão contribuem na sua formação, ainda que de leitura restrita ao mundo acadêmico. De que forma os periódicos poderiam contribuir com a formação dos alunos?*

**Geraldo Ceni Coelho** Poderia haver uma formação teórica em extensão. Embora não conheça muitos dados a respeito, penso que uma formação teórica em extensão produziria reflexão e prepararia os alunos para habilidades extensionistas

Uma formação teórica em extensão poderia preparar os alunos para uma abordagem extensionista, mas geralmente o que puxa os estudantes para a extensão é a prática e não há nenhuma reflexão. Como editor de revista de extensão percebo que são submetidos muitos relatos de experiências e que há pouca reflexão sobre a extensão, se ela se efetiva ou não, se gera impacto ou não, se a metodologia utilizada foi a melhor forma de fazer extensão ou não. A tendência é receber apenas relatos de experiências e ao diálogo do campo de conhecimento do extensionista. A extensão em saúde dialoga com os textos em saúde e assim por diante, mas não há diálogo com a teoria de extensão. Quando as pessoas fazem revisão bibliográfica, fazem sobre o campo específico do extensionista e não em relação aos aspectos metodológicos de extensão. E muitas vezes acabam cometendo os erros que outros já cometeram e já relataram sobre isso. Penso que isso é uma perda em termos acadêmicos porque as publicações em extensão são um material riquíssimo em extensão dos textos já publicados.

**Caminho Aberto** *Sobre o entendimento de número limitado de formação em extensão não só dos alunos, mas que de forma imagina a formação dos professores, considerando o universo da curricularização da extensão?*

**Geraldo Ceni Coelho** A curricularização é uma oportunidade para essa discussão mais ampla. A partir disso vão surgir mais e mais pessoas preparadas para fazer extensão. É nesse momento que percebe que há resistência da comunidade acadêmica no geral com a curricularização da extensão, por se sentirem um pouco perdidas, não sabem como fazer, a inserção da estruturação curricular, ou dentro de disciplinas ou se geram outras disciplinas específicas, então a partir disso sintam a necessidade de fazer formação em extensão. Os extensionistas mais experientes poderão contribuir muito com isso, assim como as revistas de extensão podem contribuir com os novos professores, que vão criar o ambiente de aprendizagem, na qual a extensão

vai ser uma ferramenta. Tenho adotado essa expressão na medida do possível junto das metodologias ativas de aprendizagem, uma vez que o professor não ensina, mas cria ambientes de aprendizagens, onde se pode aplicar o conceito freireano, do processo de ensino-aprendizagem por meio da interação dialógica.

A extensão também precisa aprender a ser mais dialógica. Percebe nas publicações que nem sempre esse conceito é entendido. Não que seja uma obrigação a extensão ser sempre dialógica, porque às vezes não ocorre por diversos percalços, inclusive por falta de respostas com o público da ação, que nem sempre está preparado para fazer o diálogo. Mas isso faz parte de uma nova cultura, trabalhando aos poucos com a comunidade e dentro da universidade.

**Caminho Aberto** *Atualmente o senhor não está mais na função de pró-reitor de Extensão, mas continua atuando na extensão e como editor da revista. Pela sua fala, o senhor percebe que falta formação em extensão, que alunos e professores aprendem extensão fazendo extensão. Qual sua visão para a criação de ambientes de aprendizagem para melhorar a qualidade dos trabalhos de extensão?*

**Geraldo Ceni Coelho** O papel das revistas de extensão é pequeno diante da formação, porque sozinhas não promovem a cultura de formação dentro das instituições. O que se pode fazer é obrigar os autores a fazerem a reflexão, incluindo a bibliografia em extensão. A Revista Brasileira de Extensão Universitária tem inserido nas suas diretrizes que a bibliografia referenciada dialogue em extensão para além do campo de conhecimento daquela atividade de extensão. Além disso, também reforça a ideia de que o artigo deva contribuir para a reflexão de extensão em si e não somente para o campo de conhecimento. É uma tarefa bastante difícil, por conta do despreparo dos autores. Muitas vezes há uma necessidade de reformulação geral do texto. E como uma das dificuldades das revistas é a falta de recursos humanos, há um grande número de reprovações/rejeições. Porque quando o artigo tem muitas deficiências, ele precisa ser rejeitado. Hoje a Revista Brasileira de Extensão Universitária tem uma rejeição de mais de 60% por diversos fatores.

**Caminho Aberto** *Comente sobre o impacto do diferencial da Revista Brasileira de Extensão Universitária com a preocupação com a bibliografia referenciada em extensão?*

**Geraldo Ceni Coelho** Às vezes o artigo não relata uma interação dialógica da extensão, mas, por outro lado, compreende que a universidade deve divulgar o seu serviço prestado à comunidade, para que sirvam de políticas públicas, onde a iniciativa privada não consegue atender ou dar conta de uma maneira satisfatória. Existem muitos aspectos técnicos que a universidade precisa contribuir. A interação dialógica deve sempre ser prioritária nos periódicos.

**Caminho Aberto** *Quais seriam os maiores desafios da extensão para os anos futuros?*

**Geraldo Ceni Coelho** Teremos de reinventar o financiamento da extensão, porque uma extensão dialógica, voltada para as questões sociais relevantes, que trabalhe com as populações vulneráveis, sem acesso a serviços, exceto os que a universidade oferece, vai ser difícil nos próximos anos. Isso será um grande desafio e precisa ser reinventado. Quer dizer, talvez, até a curricularização ajude, porque vai obrigar as universidades a pegar essas populações, sem investir grandes volumes de recursos e que isso possa contribuir com duas coisas. Uma delas é que possa contribuir para que os alunos compreendam a sociedade e para que a sociedade entenda o que a universidade está fazendo, pois, infelizmente, há uma parcela da população que ainda não entende o papel da universidade e hoje é bombardeada com informações falsas ou com situações isoladas de coisas inadequadas e que não representam a importância da universidade para a sociedade brasileira.

**Entrevista concedida a Cristina Missao Borille Kuba – pedagoga, mestra em Administração Universitária, assessora da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas do Instituto Federal de Santa Catarina.**